

## **A EVOLUÇÃO DOS SANTUÁRIOS CATÓLICOS BRASILEIROS: OS CASOS DE APARECIDA-SP, IGUAPE-SP E NOVA TRENTO-SC E A CARACTERIZAÇÃO DOS SEUS VISITANTES**

***THE EVOLUTION OF BRAZILIAN CATHOLIC SHRINES: THE CASES OF APARECIDA-SP, IGUAPE-SÃO PAULO AND NOVA TRENTO-SC AND THE CHARACTERIZATION OF YOUR VISITORS***

Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira<sup>1</sup>  
Angelo Ricardo Christoffoli<sup>2</sup>

Recebido em 04/05/2012

Aprovado em 22/05/2013

<sup>1</sup> Doutorado em Geografia pela USP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC e da UNIVALI. [raquelfontespereira@gmail.com](mailto:raquelfontespereira@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando em Administração e Turismo pela UNIVALI, onde é professor. Pesquisador no Grupo de Pesquisa Planejamento e Gestão: Interface Turismo, Espaço e Sociedade. [crisofoliangelo@hotmail.com](mailto:crisofoliangelo@hotmail.com)

### **RESUMO:**

O artigo apresenta a temática do uso dos santuários católicos brasileiros para o turismo religioso em três locais: Iguape e Aparecida, no estado de São Paulo, e, Nova Trento, em Santa Catarina. Colaborando com a compreensão sobre os valores culturais e religiosos que permeiam as visitas e as atividades praticadas nos três santuários, o texto no primeiro momento, apresenta um conjunto de informações relacionadas aos seus processos evolutivos, através do paradigma de Formação Sócio-Espacial (SANTOS, 1982). São valorizados aspectos da história, política e economia, conectando-os aos aspectos naturais (solo, clima, relevo, etc.). No segundo momento, com base em entrevistas são descritas as percepções dos visitantes acerca das atividades desenvolvidas nos santuários, ligados à religiosidade e ao turismo. Os resultados indicam que ocorre a prática do turismo nos santuários, bem como estão presentes muitos valores religiosos. Entretanto, a falta de pesquisas sobre as especificidades do turismo religioso não permite que os profissionais do turismo, considerem a religiosidade como um fator motivacional dos visitantes nos santuários.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Religiosidade. Devoção. Turismo Religioso.

### **ABSTRACT:**

*The article presents the subject of using Brazilian Catholic shrines for religious tourism in three locations: Iguape and Aparecida, in the state of São Paulo, and Nova Trento, in Santa Catarina. Collaborating with the understanding of the cultural and religious values that permeate the visits and activities practiced in the three sanctuaries, the text at first, presents a collection of information related to their evolutionary processes by the paradigm of Social Space Formation (SANTOS, 1982). Are valued aspects of history, politics and economy, connecting them to the natural aspects (soil, climate, relief, etc.). In the second phase, based on interviews describes the perception of visitors about the activities in the sanctuaries, linked to religiosity and tourism. The results indicate that there is the practice of tourism in sanctuaries, as well as many religious values are*

*present. However, the lack of research on the specifics of religious tourism does not allow travel professionals to consider the religiosity as a motivating factor for visitors in the sanctuaries.*

**KEY-WORDS:**

*Key words: Religiosity, Devotion, Religious Tourism.*

## 1. INTRODUÇÃO

O presente texto descreve e analisa as características de evolução de três santuários católicos brasileiros (Aparecida e Iguape em São Paulo, e Nova Trento em Santa Catarina) que passaram por processos históricos distintos, fato que permite estabelecer comparações sobre sua evolução religiosa e as atuais condições da relação religiosidade e turismo. Percebe-se que os aspectos da evolução não são relacionados com a história, com a política ou econômica desses locais, nem mesmo com as Congregações, aspectos que se entende, interagem continuamente nas atividades turísticas ou religiosas desenvolvidas pelos visitantes.

Primeiramente o texto aborda a evolução histórica desses locais, considerando os elementos definidores das formações socioespaciais regionais (SANTOS, 1982), a partir da inter-relação entre as condições naturais (clima, relevo, etc.) e o processo de ocupação desses territórios. Na identificação dos aspectos relativos ao desenvolvimento socioeconômico, definem-se as relações de produção que se estabeleceram e como evoluíram ao longo do tempo, pois, para estudar o espaço humano com fato histórico indica observar tanto a “história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local” (SANTOS, 1982, p.9). No paradigma de Formação Sócio Espacial, Santos seleciona três categorias interdependentes: “modo de produção, formação social, espaço” (1982, p.14), para compreender as nuances históricas e socialmente determinadas numa sociedade.

A colonização portuguesa e a religião católica no Brasil desenvolveram extensa relação, onde a dimensão religiosa corresponde a uma das facetas da identidade nacional, assumindo características próprias em diferentes lugares e regiões. Essa categoria de formação econômico-social (a religião) é acrescida da instância espacial, que pressupõe a percepção de que “a função da forma espacial depende da redistribuição, a cada momento histórico, sobre o espaço total da totalidade das funções que uma formação social é chamada a realizar” (SANTOS, 1982, p.16).

Após, no item 3 são descritas e interpretadas as percepções dos visitantes acerca das atividades religiosas e turísticas desenvolvidas nos santuários, bem como são identificados os valores ligados à religiosidade e ao turismo presentes nessas atividades.

## **2. O POVOAMENTO E A COLONIZAÇÃO DO BRASIL**

O conhecimento das origens e evolução da formação socioespacial que constituíram o território do Brasil exige a apreensão dos elementos naturais e humanos que permitiram, ou que, obstaculizaram o estabelecimento da população e, em especial, da dinâmica relacionada à religiosidade católica no país, desde os seus primórdios.

Caio Prado Junior (1977) indica que por todo o período Colonial as necessidades espirituais e as exigências da vida civil eram colocadas num mesmo plano de importância para os cidadãos, porque o cotidiano era marcado por acontecimentos de cunho religioso: o nascimento pelo batismo, o casamento se fazia diante da autoridade clerical, bem como o divórcio. Para Hoornaert (1994, p.28) o Brasil teve cinco ciclos de evangelização, a saber: o litorâneo, o sertanejo, o maranhense, o mineiro e o paulista. Para Del Priore (1994, p.8) “à aliança entre o Estado português e a Igreja católica chamou-se de Padroado: por concessão do Papa, os Monarcas portugueses exerciam o governo religioso e moral no reino e nas colônias”.

É nesse contexto que surgem dois dos locais analisados neste trabalho: Iguape e Aparecida, ambos em São Paulo, colocados geograficamente nas áreas de interesse da produção de metais. Já Nova Trento ficou à margem desse processo, porque, as áreas temperadas coloniais, diferente das tropicais, não respondiam “de forma hegemônica pela produção de mercadorias, que atendam ao circuito comercial de principal interesse das metrópoles temperadas européias” (PEREIRA, 1997, p.455) visto que, até o início do século XIX, Nova Trento esteve isolada do litoral e dos resultados de seu povoamento com os casais açorianos, litoral este que se manteve com expressiva importância nos mercados internos coloniais com a produção de alimentos para a Colônia (farinha de mandioca, arroz, feijão e melado, e mais tarde o óleo de baleia).

Assim, apesar de se incluir no mesmo processo geral (o domínio do território pelos portugueses), possui características políticas específicas, a conformação do relevo combinada com outros elementos naturais (vegetação, hidrografia e solos), foi decisiva para o povoamento do território e para o desenvolvimento das atividades humanas (PEREIRA, 1997), também, levaram a uma forma diferente de organização das estruturas produtivas, como, na expressão da religiosidade.

## **2. AS DIFERENTES FORMAÇÕES SOCIAIS E ESPACIAIS E SUAS INFLUÊNCIAS NA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA**

O estado de São Paulo possui grande quantidade de santuários católicos, havendo maior concentração nas áreas geográficas situadas nos antigos caminhos das tropas e bandeiras que demandavam ao sertão. Iguape e Aparecida situam-se nas áreas onde se dispersaram esses povoadores que na busca de indígenas para a escravização, e depois na busca do ouro de aluvião (junto aos rios e córregos), passaram progressivamente a instalar fazendas e a colaborar com os grupos que seguiam para o interior, levando consigo também a religiosidade.

### **2.1- Santuários localizados em São Paulo**

#### **2.1.1- Origens do município de Iguape e seu Santuário**

Localiza-se no sul do estado de São Paulo, no Vale do Ribeira, na latitude 24°42'29" sul e a longitude 47°33'19" oeste, estando a uma altitude de três metros, possui uma população estimada em 45.000 habitantes.

França (1975) reconhece três fases distintas no desenvolvimento da região, durante as quais Iguape, reconhecida como Vila em 1758 e Cidade em 1858, teve participação ativa: “a fase do ouro de aluvião, [...], uma fase em que foi entreposto comercial de todo o Vale do Ribeira e o novo período em que se projetou pela importância do porto, pela produção de arroz na Baixada e pela construção de barcos” (1975, p.113). Poucas notícias sobre Iguape existem anteriores a 1620, mas é entre essa data e 1625 se erigiu uma igreja em homenagem a Nossa Senhora das Neves, bem como um orago ao Bom Jesus. A exploração do ouro se iniciou já em 1531 quando foi encontrado ouro de aluvião no interior do Vale do Ribeira, terminando por volta de 1550.

Segundo França a participação no movimento de expansão paulista através dos grupos de apresadores de índios, fez com que a adoração ao Bom Jesus trouxesse benefícios políticos e econômicos para Iguape, visto que, pelo seu porto entravam e saíam todas às pessoas e mercadorias. Também, como resultado desse ciclo econômico “a imagem do Bom Jesus fora colocada na antiga Matriz em 1716 e o seu altar foi ‘privilegiado’ em 23 de janeiro de 1782” (1975, p.118). Dessa religiosidade ligada a expansão paulista, indica que “no ano de 1845, há referências à “grande afluência de peregrinos catarinenses, vindos por via marítima e terrestre. Muitos vinham a pé, em cumprimento de promessas”(1975, p.140).

Com as transformações impostas pela Igreja na condução da religiosidade por todo o país, em 1927 chegam os padres alemães da ordem do Verbo Divino, e, com eles, no ano de 1940 houve elevada frequência de peregrinos. Esse crescimento de peregrinos culmina com a transformação do Santuário em Basílica, no ano de 1962. França levanta uma hipótese relacionando o crescimento das peregrinações à decadência econômica de Iguape, entendendo ser mais do que uma coincidência existente em diferentes estados brasileiros, entre função religiosa e cidades decadentes. Para ela “a conformação ao sofrimento e às privações inerentes à atitude do romeiro humilde e inculto que constitui a massa dos que são atraídos para os centros de peregrinação” (1975, p.129) tem relação com cidades em decadência econômica, que pouco oferece em comodidades ao peregrino.

Para França, a perda dessa centralidade decorrente do deslocamento do eixo litorâneo, esvazia o comércio formal local de Iguape, o que leva à proliferação do comércio temporário representado por feirantes, marreteiros, barraqueiros, ambulantes, etc., para atender ao grande número de visitantes. Complementa dizendo que a maior parte dos peregrinos, “por razões de ordem social ou econômica” (FRANÇA, 1975, p. 245) se instalam em barracas, em caminhões, ou perambulam à noite pelas ruas, sem intenção prévia de se hospedar num hotel. O que se percebe quando da aplicação da Pesquisa é que atualmente a estrutura turística disponível na cidade é insignificante para o atendimento ao número de devotos, como também aos outros segmentos de visitantes, isso porque, existem somente dois ou três hotéis, e, no máximo uma dezena de pousadas que atuam durante o ano.

Para, além disso, muitas casas particulares preparam-se para receber grupos, famílias ou indivíduos, sejam, com a cessão de apartamentos, quartos, camas, até o aluguel de salas e garagens para grupos que não esperam muito conforto. Também muitas famílias possuem casas nas praias próximas, utilizadas para o veraneio as quais, são alugadas ou utilizadas para as festas religiosas. O inconveniente está em que se localizam nas praias do município, o que exige transporte por parte do visitante. Ainda hoje se encontram visitantes e famílias acomodadas em veículos onde passam a noite pelas ruas próximas ao Santuário.

A presença dos féis já não atinge os números do passado de glória do Bom Jesus (Séculos XIX e XX), assim como as atividades religiosas, antes distribuídas ao longo dos meses, agora se concentram num único período do ano relacionado à festa que se estende do fim de julho até a primeira semana de agosto, isso porque no dia 06 se comemora o dia de Bom Jesus, data em que segundo a Bíblia, houve a transfiguração do Senhor. Acompanhando a ocorrência da festa chegam à cidade com até uma semana de antecedência os vendedores ambulantes, as barraquinhas com roupas e alimentos, bem como as tradicionais barracas de jogos diversos (azar, argolas, tiro, etc.).

#### 2.1.2- Origens do município de Aparecida e seu Santuário

Aparecida é um município do estado de São Paulo, localizada na latitude 22° 50' 49" sul e longitude 45° 13' 48" oeste. Fica localizado na microrregião de Guaratinguetá, e sua população é estimada em 50.000 habitantes.

Sobre a região, antes mesmo de 1636 já se tem relação de Aparecida com o povoamento Guaratinguetá, seu município de origem, local de habitação de muitas famílias aparentadas com outras de Santana do Parnaíba, São Paulo, Santo Amaro e até de Goiás, isso porque, por ali passava a 'estrada real' em direção às minas (Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás). Assim, "formam-se as irmandades que promovem as festas populares da Senhora da Conceição, do Bom Sucesso, Da Piedade, do Carmo, do Rosário e de São Francisco das Chagas." Nesse contexto o consumo de imagens de santos diversos é muito grande (BRUSTOLONI, 1979, p. 26).

Guaratinguetá foi elevado à categoria de Vila em 1651, (*idem* 1979, p. 28) e, no ano de 1827, Aparecida era Distrito de Paz de Guaratinguetá transformando-se em Freguesia em 1893. (BRUSTOLONI, 1979, p. 92-94). Em 17 de Dezembro de 1928, a Vila que se formou ao redor da

Capela do Morro dos Coqueiros tornou-se município, emancipando-se. Para Brustoloni (1979, p. 34) já em 1725 a imagem é mencionada pelo padre de Guaratinguetá, quando pediu a aprovação “do culto e a licença para construir uma igreja, onde a Imagem pudesse ser venerada oficialmente e publicamente”, no mesmo local junto ao porto onde fora encontrada, e, onde “as famílias vizinhas se reuniam para o culto semanal.

O autor indica que cumpriam de modo especial aos sábados, suas devoções marianas, com rezas do terço e cantos das ladainhas” (1979, p. 37), e que essas rezas haviam sido aprendidas com os antigos missionários que por ali demandavam aos sertões, bem como o culto se disseminou de Aparecida para as Minas, Cuiabá e Goiás, para o litoral e interior de São Paulo, e para o Sul do país.

Ainda para o autor (1979, p. 258) ao assumirem em 1894 os redentoristas<sup>1</sup> encontraram na casa dos ex-votos as formas espontâneas de expressão repleta de diferentes itens: milhares de fotografias, quadros, vestidos de noiva, figuras de cera de crianças e adultos, de partes do corpo, cenas de milagres e ocorrência cotidianas relacionadas às intercessões da Santa. A vinda dos Redentoristas estava colocada nas mudanças estruturais que a Igreja pretendia para o Brasil, e contribuiu para o aumento dos visitantes pela implantação das “romarias programadas a partir do ano de 1900”, também com “a coroação de Nossa Senhora Aparecida em 1904 e a proclamação de Padroeira do Brasil em 1931” (MORENO, 2009, p. 44). Juntaram-se a isso as idéias de construção de um templo que acomodasse os crescentes números de visitantes, e em face de que em 1913 seriam comemorados os duzentos anos do encontro da imagem no rio.

Assim, concentrados nesse ideal é lançada em 1947 a pedra fundamental do novo Santuário, para o atendimento espiritual e às novas necessidades materiais dos devotos, uma vez que a cidade não os atendia, preocupando-se inclusive com aspectos urbanos, como a construção de escola, parques e infra-estrutura urbana (MORENO, 2009). Outra etapa foi a implantação do Centro de Apoio aos Romeiros (CAR) composto por 700 lojas, com o objetivo de atendimentos das outras necessidades dos visitantes como a distribuição de água potável e banheiros públicos, melhores opções de compras e de lazer (além daquelas religiosas).

---

<sup>1</sup>Os Padres Redentoristas alemães (da Congregação do Santíssimo Redentor da Baviera), entraram no Brasil no final do século XIX (1894). A eles foi dada a administração de diversos santuários, como o da Lapa na Bahia, do Pai Eterno em Trindade, Goiás ou o de Aparecida em São Paulo, uma vez que sua fama era de bons administradores de santuários.

Um dos itens indicados pela administração do Santuário para a construção do CAR estava em “desencadear um processo de modernização em toda a cidade. Quer deixar claro que a cidade precisa fazer investimentos em função do turismo, [...]” (MORENO, 2009, p. 56). França(1975) descreveu a situação que encontrou nos hotéis de Aparecida: “embora haja alguns de bom padrão para a cidade, predominam os hotéis de categoria média e baixa.” Também que os 92 hotéis existentes, em sua maior parte foram construídos a partir de 1950, e isso ocorreu concomitante quando começou a diminuir a duração da permanência dos peregrinos na cidade. Majoritariamente são as famílias que administram esses locais, bem como ocorre “de ano para ano são sempre os mesmos hóspedes ou pessoas por eles indicadas, sendo a reserva feita de um ano para outro. São hóspedes mais idosos ou famílias inteiras que freqüentam os hotéis, [...]” (FRANÇA, 1975, p. 247).

O que se percebeu quando da aplicação da Pesquisa, é que existe uma enorme disponibilidade de serviços em Aparecida através do elevado número de micro e pequenas empresas de hospedagem e alimentação, sendo que os quase 40.000 leitos existentes estão colocados na antiga classificação de duas estrelas apenas, e, muitos deles possuem quartos para até 4 a cinco pessoas. Os hotéis também providenciam a alimentação (jantar) aos seus hóspedes, uma vez que na cidade são poucos os estabelecimentos que permanecem abertos nesse período, sendo a alimentação acertada antecipadamente no preço cobrado do grupo. Atualmente apesar das atividades da Secretaria de Turismo no incentivo para que os empresários busquem à instalação de estruturas com melhores condições de atendimento aos visitantes, ainda não existem estruturas que comportem a todos os segmentos da demanda.

Já o fluxo dos visitantes ocorre continuamente ao longo do ano, com acréscimos e diminuições nas datas festivas (12 de outubro, por exemplo), quando num só dia os visitantes atingem até a cifra de 250.000. Também há um acréscimo de visitantes a cada ano, sendo que em 2011 o Santuário atingiu a marca de 10 milhões, aproximadamente 500.000 a mais do que em 2010. Ainda são encontrados devotos que percorrem dezenas e até centenas de quilômetros a pé por distintos trajetos, bem como diariamente chegam caravanas de cavaleiros, em grupos de diferentes origens e quantidade de montarias, os quais, apoiados por caminhonetes das pousadas onde se instalam mais todos os veículos que compõem a caravana, tomam o percurso de acesso principal à basílica Velha, onde, após marcarem hora, são atendidos e abençoados pelo pároco.

As modificações ocorridas nos vários ambientes religiosos de Aparecida (visita ao rio onde se encontrou a imagem, a Basílica Velha, o acesso da Basílica ao novo Santuário, as áreas de estacionamento e no CAR), afetaram diretamente a dinâmica da cidade modificando também o cotidiano. Essas modificações afetaram as condições e a distribuição de sua estrutura turística, havendo também a oferta de residências particulares que satisfazem à demanda de pequenos grupos nos dias de maior procura. Ao redor dos acessos à Basílica Velha e do Santuário instalaram-se centenas de comércios variados que vão dos alimentos, às refeições para pequenos grupos, concentrando-se na venda de 'lembranças da visita' (esculturas de santos, fotografias, pinturas, louças, terços, chaveiros, camisetas, etc.).

Na Avenida de acesso ao portão principal do Santuário além dos comércios tradicionais (alimentos e roupas) estabeleceu-se uma 'cidade de lona', isto é, salta aos olhos a miríade de barracas que atendem as excursões que chegam à cidade na sexta e retornam no domingo. No local encontram-se diferentes objetos todos, marcadamente com preços populares, principalmente roupas, brinquedos, eletrônicos e produtos religiosos. Os visitantes aproveitam para comprarem daquilo que necessitam pessoalmente, e também para os parentes e amigos, sendo que muitos refazem seus estoques para revendê-los nas cidades de origem.

Para esses dias esses milhares de visitantes levam a indisponibilidade de hospedagem, em face de que são feitas reservas antecipadas, muitas vezes com um grupo mantendo-se fiel ao mesmo hotel por diversos anos como já indicado por França. Já durante a semana esses estabelecimentos fecham as portas, não sendo possível efetuar-se reserva ou pernoite.

## **2.2- Santuário em Santa Catarina**

Somente em 1740 com a introdução dos casais açorianos com a distribuição de pequenos lotes de terra, o litoral catarinense recebeu um contingente populacional de porte, o que permitiu efetivo controle político-militar, com o posterior desenvolvimento de pequenas vilas.

Por outro lado, as terras localizadas para além de cinquenta quilômetros do litoral mantiveram-se em sua maior parte desertas da presença branca, fato que começou a mudar com a permissão da entrada de europeus oriundos majoritariamente da Alemanha e da Itália, no final da década de 1820 (São Pedro de Alcântara, Biguaçu e Tijucas), e, posteriormente com novas levas no período de 1850

(alemães no Vale do Rio Itajaí) e 1875 (italianos no Sul do estado, e, Vale do rio Itajaí). Estes se instalaram em Brusque e se disseminaram pelas terras onde se localiza Nova Trento.

Até o século XVIII, além das localidades litorâneas com os açorianos, não houve tentativa oficial de povoamento, e somente no século XIX o Governo brasileiro contratou diversas empresas européias, para a introdução de imigrantes a partir de Projetos oficiais de Colonização.

### 2.2.1- Origens do município de Nova Trento e seu Santuário

Nova Trento é um município do Estado de Santa Catarina, localizada na latitude 27°17'09" sul e longitude 48°55'47" oeste, a uma altitude de 30 metros. Sua população tem 20.000 habitantes.

Quase todos os acontecimentos que interessam à discussão sobre a evolução da religiosidade no estado de Santa Catarina, se prendem a dois períodos econômicos, o primeiro “caracterizado pela economia de subsistência e agro-exportadora, que vai do século XVII até 1850” (CEAG, 1980, p.32), e, o segundo “em que se definem as condições para a primeira transformação estrutural, ou seja, a entrada na indústria tradicional” (idem).

O ordenamento político-econômico escolhido restringiu o crescimento de Nova Trento, e, estava relacionado “a estrutura da propriedade fundiária, a produção agrícola, o excedente, a mentalidade do colono e seus aspectos ligados à economia” (CEAG, 1980, p.39). Isso foi positivo a religiosidade, pois, para Cadorin, ela era cultivada intensamente pelos imigrantes italianos, e, somente esses valores religiosos é que “ajudaram a sublimar o desânimo perante a impotência das forças humanas para enfrentar o meio que lhe era hostil” (CADORIN, 1992, p. 55). Era uma religião de “festas aparatosas, de foguetes, de procissões e de sinos, de paramentos vistosos e de andores enfeitados, e cantos entoados a plenos pulmões e de sermões retumbantes, de bandas e de incenso, de carros, desfiles e morteiros, de missas ‘in terzo’, de ladainhas e vivas” (GROSSELLI, 1987, p. 458). Cadorin indica que, “faziam-se procissões para pedir chuva e para cessar de chover, para amenizar as febres (tifo e malária), para pedir boas colheitas, paz no mundo...” (1992, p. 62).

Para Grosselli (1987) diante das difíceis condições e mazelas econômicas e culturais os imigrantes encontraram nas capelas o centro de convergência e a sede efetiva da comunidade, pois,

privados da participação política, geográfica e culturalmente insulados entre as montanhas, lutando quase até o desespero para sobreviver fisicamente no meio da selva, foi ao redor a religião que surgiram comunidades espontâneas de relações primárias – as capelas – as quais, por um bom período pareciam cristalizar a seu redor as formas todas de relacionamento religioso e social (1987, p. 450).

Para Marques (2000, p.30) “desde a instalação dos emigrantes italianos, as práticas religiosas eram freqüentes, mas sofreram modificações relacionadas ao discurso do catolicismo romanizado ultramontano imposto aos colonos na tentativa de fortalecimento da Igreja Católica diante das reformas liberais e religiosas em curso na Europa. Esse controle religioso implantado pela Igreja no fim do século XIX vai se modificar somente com o Concílio Vaticano II, isso porque durante os quase 100 anos anteriores, se estabeleceu uma sólida religiosidade popular calcada no padre e na Igreja, que agora se transforma numa Igreja modernizada e mais popular.

Outro grupo que nasceu daquele ambiente religioso do cotidiano de Nova Trento do fim do século XIX foi o das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, resultante do fervoroso modelo de vida que Amábile Lúcia Visintainer conheceu e aplicou em sua vida. Assim começou a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição na localidade rural do Vígolo, que, com o acompanhamento e aconselhamento dos padres Jesuítas apoiaram o processo de oficialização, visto que, fazia parte do processo de romanização “o investimento na criação de seminários e no encaminhamento de ordens e congregações religiosas” (MARQUES, 2000, p.41). Para a autora enquanto parte “do projeto de romanização da religiosidade local, buscou-se canalizar a fé através da construção de Santuários em pontos altos da cidade, bem como, na passagem do século em diversas cidades foram instaladas cruzeiros nos pontos visíveis e altos” (2000, p.73).

Essa situação vai se modificar somente com a beatificação de Paulina (Amábile Lúcia Visintainer) em 18 de outubro de 1991 pelo Papa João Paulo II, reforçada no dia 09 de julho de 1998, data comemorativa da festa litúrgica de Madre Paulina, quando se tornou público a transformação da Igreja de Vígolo (a comunidade onde Amábile viveu, distante 10 quilômetros do centro da cidade), como o Santuário de Madre Paulina, até ser construído o atual Santuário. Após isso, ocorreu em Roma, em 19 de maio de 2002, a Canonização (o reconhecimento da santidade), que permitiu incremento de visitantes (tanto devotos quanto turistas), sendo esse é o mais novo Santuário brasileiro. A partir daquele momento, Nova Trento deixa de ser um local de interesse apenas da comunidade, passando a ser destino de milhares de visitantes, em busca de Santa Paulina.

O que se percebeu quando da aplicação da Pesquisa é que o local comporta alguns milhares em seu entorno, proporcionando estacionamentos para veículos e locais de circulação mais cômodas. O fluxo desses visitantes ocorre de forma distinta, com acréscimos e diminuições, dependendo do período do ano e nos fins de semana ao longo do ano todo. Também há um acréscimo de visitantes durante os meses das férias (dezembro a fevereiro), bem como nos meses ligados à beatificação e à canonização de Amábile. O controle mais recente do número de visitantes se fez por meio da contagem de veículos e seus ocupantes, na primeira semana de janeiro de 2012, situando-se em torno de 70.000 mensais (NUNES, 2012), porém, a Administração do Santuário indica que o número de visitantes diários chega a 30.000.

Apesar dessas transformações a cidade e o município de Nova Trento não modificaram radicalmente suas condições, pois, as estruturas urbanas bem como os acessos rodoviários (a ligação com a cidade de Brusque, e a ligação com a BR 101), e a estrutura de serviços, não se incrementaram, ou, se haviam, não se ampliaram amplamente, em face dos milhares de visitantes que a acessam diariamente. Nesse sentido não se observa a instalação de empresas turísticas na mesma proporção do acréscimo de visitantes, nem mesmo existe estrutura para que os mesmos mantenham-se por mais de um dia no local, visto que, só existe um único hotel (de propriedade do Santuário), e, menos de uma dezena de pequenas pousadas ao longo dos acessos rodoviários. Esses problemas da infra-estrutura local atualmente são resolvidos pelo uso das cidades de Florianópolis, que, além de ser a Capital do estado concentra muitos hotéis e, empresas de transportes (para grandes e pequenos grupos, bem como famílias e individualmente), e, Balneário Camboriú que possui as mesmas condições da Capital, todas, distantes não mais do que 150 quilômetros de Nova Trento, bem como, pelo aeroporto de Navegantes.

Na estrada de acesso ao Santuário são visíveis os pequenos comércios de alimentos e os estacionamentos para os dias de maior demanda, bem como houve uma pulverização das propriedades agrícolas, com o desmembramento das terras em pequenos lotes urbanizados. Ao redor do acesso da igreja de Vígolo (onde funcionava o Santuário) instalaram-se em terrenos, particulares algumas dezenas de comércios variados que vão dos alimentos locais, às refeições para pequenos grupos (sendo o maior deles de propriedade do Santuário podendo servir até 5.000 mil

refeições ao dia), venda de ‘lembranças da visita’ (esculturas de santos, fotografias, pinturas, louças, terços, chaveiros, camisetas, etc.), numa proporção cem vezes menor do que ocorre em Aparecida.

Até 2005 não havia planejamento oficial (municipal e estadual) para o crescimento da comunidade de Vígolo nem para a implantação do Santuário de Santa Paulina, o que levou à manutenção do único acesso, construído ainda nos primeiros anos da entrada dos imigrantes (década de 1880), que se mantém até hoje, e, que certamente trará problemas no futuro.

### **3. PESQUISA COM OS VISITANTES**

#### **3.1- A Metodologia utilizada na Pesquisa**

A escolha em concentrar a pesquisa nesses Santuários advém das seguintes considerações: Iguape durante muitos anos (entre 1700 e 1900) manteve-se como o maior centro de religiosidade tradicional do litoral de São Paulo, isto é, nele se desenvolveram e mantiveram-se as formas antigas de relação dos fiéis e devotos com seus santos (procissões, caminhadas, peregrinações, adoração das imagens, ex-votos, e, principalmente a pouca presença dos ritos católicos (missas, confissão, batismo, etc.), na intermediação da obtenção das graças desejadas).

Iguape acaba perdendo essa posição somente quando os padres Redentoristas assumiram a administração de Aparecida, que passa progressivamente, a ser o centro das estratégias de recuperação da religiosidade no Brasil, momento em que, se restabeleceu o controle da Igreja sobre os fiéis, através da imposição dos rituais. Também são desenvolvidas considerações sobre Nova Trento em Santa Catarina, local da primeira Santa brasileira, que não tem uma longa história, visto que as ações religiosas no local se iniciaram há 100 anos, e, o Santuário foi implantado em 1998.

No decorrer da pesquisa, por diversas vezes deparou-se com a pergunta feita por diferentes interlocutores: de onde vem a certeza dessas situações a respeito dos visitantes dos santuários católicos? Existem pesquisas que corroborem as afirmações? Por isso, para desenvolver com mais sustentação as argumentações, no período de 23 a 28 de julho de 2011 aplicaram-se questionários em Iguape e Aparecida, ambos em São Paulo, e, nos sábados de agosto em Nova Trento – SC.

### 3.1.2- Aspectos da aplicação das Entrevistas

Faz-se necessário justificar o número de questionários considerados válidos (154) dum total inicial previsto de 400, que estariam distribuídos 100 para cada Santuário (Iguape, Aparecida, Nova Trento e Brusque). Em Iguape defrontei-me com a ausência generalizada de visitantes, quando, durante dois dias inteiros (manhã, tarde e noite) postei-me à entrada da Igreja interpelando aos que a ela demandavam o que resultou em 25 questionários respondidos. No Santuário da Azambuja em Brusque – SC, os finais de semana de agosto (escolhidos para a realização das entrevistas), visto que em todos eles choveu copiosamente, não permitiram o trabalho.

Também, não foi possível estabelecer a amostragem previamente estabelecida (100 entrevistas distribuídas por gênero, idade, etc.), pois, no meio do caos observado pela avalanche de pessoas junto aos locais pesquisados, ocorreu a abordagem com aqueles que se mostraram disponíveis ou que se submeteram a uma interrupção das atividades. Outro problema encontrado foi à impossibilidade de se estabelecer uma percentagem de amostragem, pois, não foi possível obter o número exato de visitantes, isso porque no meio dos peregrinos, entram os habitantes e ambulantes. Os dados foram transpostos para o programa Excel e nele foram desenvolvidos os cruzamentos

A partir da percepção do universo de visitantes dos Santuários, foi utilizada a subdivisão dos entrevistados em três grandes grupos: ‘turistas’, ‘devotos/turistas’ e ‘devotos/romeiros/peregrinos’, pois, se entende que no Brasil ocorre intensa utilização dos sinônimos romeiros e peregrinos, apesar de que o termo peregrino serve para definir aqueles que percorrem a pé longas distâncias, porém, sem consenso, bem como, muitas vezes com os mesmos significados das atividades realizadas.

No desenvolvimento da pesquisa observaram-se aspectos para além dos interesses específicos definidos inicialmente, os quais colaboram com o entendimento da dinâmica dos visitantes, por exemplo: durante a aplicação das entrevistas *in loco* percebeu-se que a pessoa entrevistada estava colocada num grupo, sendo que em parte delas acompanhada da família, com um número médio de 3 a 4 indivíduos. Essa situação se confirma quando se observam os resultados da Questão ‘como organizaram a visita’, nela, 49% assim o indicaram.

Somado o resultado a opção ‘grupo de igreja’ e a opção ‘excursão religiosa’ têm-se um total de 74% dos entrevistados, percentual muito superior aqueles que fazem a visita individualmente.

### 3.2- A caracterização dos visitantes

O Questionário é composto por questões fechadas, e, algumas questões abertas que permitiram muitas respostas espontâneas detalhando a percepção sobre os Santuários que visitam, bem como o que entendem como atividades dos ‘devoto/romeiro/peregrino’, e, as atividades dos ‘turistas religiosos’, e, quais as diferenças entre esses dois grupos.

Idade: ( ) até 25 anos ( ) > 25 anos ( ) > 65 anos.

Na distribuição o grupo mais representativo foi o dos adultos, com o percentual de 57%, sendo que as mulheres estavam em menor número nestes dias e locais pesquisados (42%)

Você é ( ) devoto/romeiro/peregrino ( ) turista/devoto ( ) apenas turista

Na mais importante dentre todas as questões da Pesquisa, parte-se de que o universo dos visitantes é composto por três divisões (Quadro 1): ‘devotos/romeiros/peregrinos’ (45%), outra parcela significativa se identificou como ‘devoto/turista’ (34%) e um percentual menor se vê apenas como ‘turista’ (21%). Abaixo no Quadro 1 esses dados estão colocados como ‘todos’, e, nas subseqüentes são apresentadas as respostas obtidas em Aparecida, Iguape e Nova Trento.

Quadro 1: Você é? (em %)

	Devoto/Romeiro/Turista	Turista/Devoto	Apenas Turista
Todos os entrevistados	45	34	21
Aparecida	42	42	16
Iguape	38	27	35
Nova Trento	55	22	23

Chamou a atenção que quase a metade dos entrevistados (45%), identifica-se como ‘devotos/romeiros/peregrinos’ (sem contar os que além de devotos se consideram turistas). A partir dessas respostas os planejadores do turismo podem desenvolver estratégias de ação, visto que, somente sobre 55% dos visitantes restantes, poderão resultar positivas as ações planejadas, isto porque se entende que o primeiro grupo é pouco ou nada influenciado pelas ações de marketing turístico. Também se supõe que os entrevistados claramente percebem sua posição de devotos ou de

turistas (e muitos, portanto, estarão propensos ao desenvolvimento de atividades turísticas), ou que venham a desenvolver suas atividades a partir de ações resultantes do segmento turístico.

Quantas vezes já veio ao santuário ( ) primeira ( ) duas ( ) três ( ) quatro ou mais

Essa pergunta além de identificar quantas vezes cada visitante já esteve no local, também caracteriza se esse visitante possui uma tendência a repetir continuamente o mesmo Santuário como local de visitação, pois, se entende que essa repetição tem uma conexão com a obrigatoriedade da relação como o santo da devoção.

Veja-se no Quadro 2 que somente 21% estão em visita pela primeira vez ao Santuário, enquanto que, somando-se àqueles que estiveram três ou mais vezes, chega-se ao número de 62%, sendo que esse número alto de visitantes que retornam, é a meta dos planejadores turísticos, porém, entende-se se esse retorno dos visitantes ocorre independentemente das ações desenvolvidas pelas Secretarias de Turismo, as quais nada, ou quase nada fazem a esse respeito.

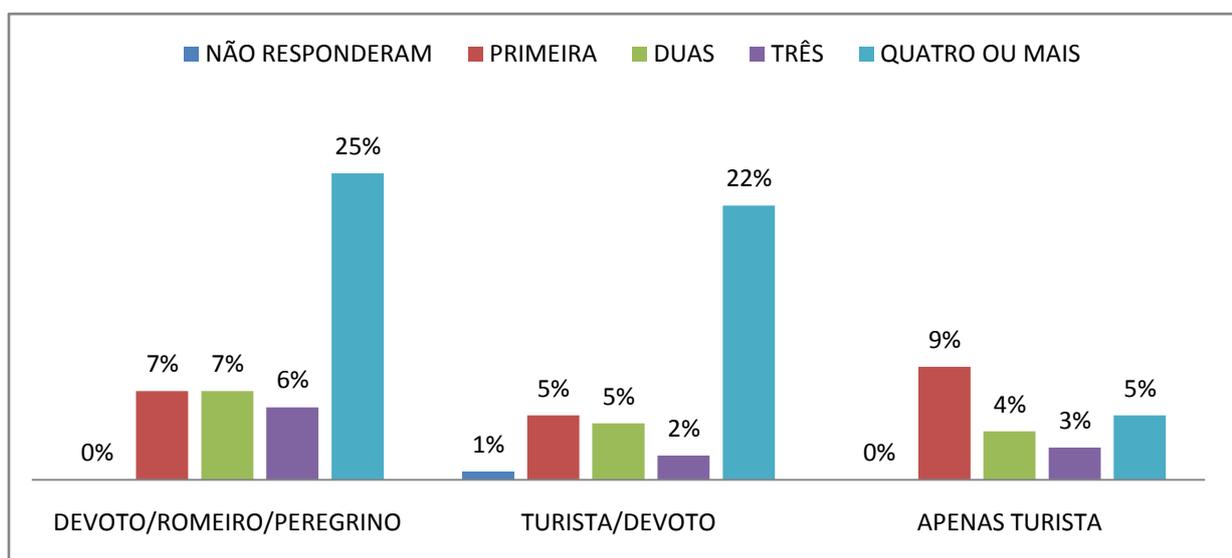
Quadro 2: Quantas vezes visitou o Santuário? (em %)

	Aparecida	Iguape	Nova Trento	Todos os entrevistados
Nº vezes				
1ª	17	35	25	21
Duas	19	11	10	16
Três	7	12	17	10
Quatro ou +	57	42	48	52

Caso esse retorno contínuo tenha a ver com a devoção dos visitantes com o santo, pode-se perguntar se algumas dessas visitas também estão sofrendo influências das estratégias do setor turístico nos locais de residência dos visitantes, que os motivem a se deslocar aos Santuários. Caso essas visitas ao mesmo Santuário estejam colocadas apenas na condição da devoção dos fiéis aos seus santos, entende-se que pouco ou nada das atuais estratégias turísticas afetarão as dinâmicas dessas visitas, bem como fica a percepção que, independente de que pensam ou como agem os profissionais do turismo dessas localidades, os devotos continuarão repetidamente a visitar os mesmos locais não incluindo em seus roteiros novos Santuários. Quando se observam as respostas sobre ‘quantas vezes já visitou o Santuário’, mais o cruzamento com a opção ‘você é’ ‘devotos/romeiros/peregrinos’, ‘devoto e turista’, e, ‘turista’, foram obtidas as informações colocadas no Quadro 3 abaixo.

No Quadro 3 se percebe claramente que os ‘turistas’ estão com quase todas as respostas abaixo dos outros respondentes, principalmente quando comparados com o grupo dos ‘devotos/romeiros/peregrinos’. Isso pode indicar uma pequena propensão ao retorno aos locais religiosos por parte dos ‘turistas’, para os quais (9%) bastará uma primeira e única visita. A resposta dada pelo primeiro grupo à opção ‘quatro ou mais’ é facilmente explicada por sua devoção, que os fazem retornar por diversas vezes a um mesmo santuário, porém, o que dizer dos ‘turistas/devotos’ que a essa mesma questão, responderam em 22% dos entrevistados, enquanto os ‘turistas’ indicaram 5%?, Talvez disso se deduza que, no grupo ‘turistas/devotos’ ainda impera uma grande relação com os valores religiosos.

Quadro 3: Quantas vezes visitou o Santuário X Você é (em %)



Também se pergunta por que a presença de ‘turistas’ que estão na primeira visita possui números percentuais bastante parecidos com os outros grupos, uma vez que, propensos às campanhas e estímulos do marketing turístico, deveriam estar em maior número. Talvez isso se deva ao pequeno investimento, tanto das Prefeituras, quanto das Empresas, no incentivo direto ao turismo cultural nesses locais.

Como organizam a visita: ( ) sozinho ( ) família ( ) grupo igreja ( ) excursão religiosa ( ) excursão turismo

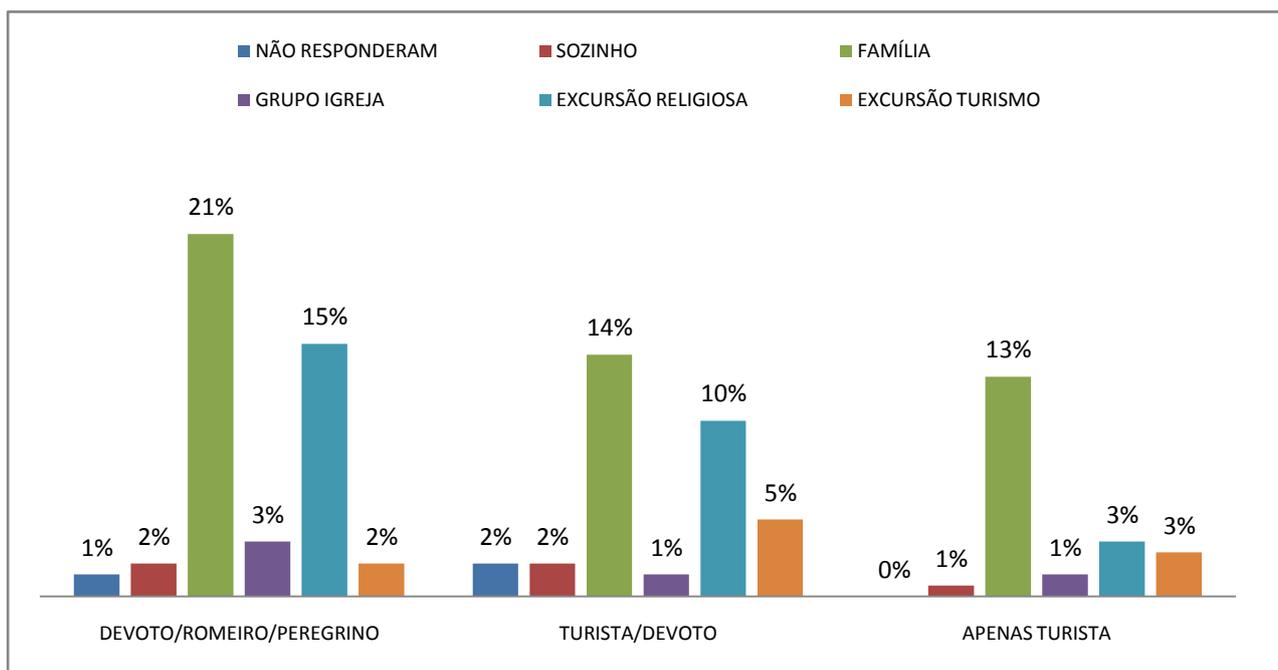
Os resultados dessa questão levam em conta a forma de organização utilizada nessas visitas (Quadro 4) para os três grupos (devotos/romeiros/peregrinos, devotos/turistas e

turistas).Propositalmente incluiu-se nas opções de respostas a divisão entre ‘grupo de igreja’, ‘excursão religiosa’ e ‘excursão turismo’, pois, nos Santuários de Aparecida e Nova Trento, ainda são encontrados muitos grupos em ônibus fechados organizados por grupos religiosos.Assim, o ‘grupo igreja’ relaciona a visita motivada ou organizada por um grupo específico (Igrejas de bairro ou de comunidades do interior,Apostolado da Oração, Grupos de Paróquias), por exemplo.

De outro lado, a ‘excursão religiosa’ tem relação com o agenciador que administra a viagem desde a definição do transporte, as paradas para alimentação, os hotéis, bem como todos os horários e visitas a pontos de interesse religioso a serem cumpridos na viagem.No grupo da ‘excursão religiosa’ concentram-se aqueles visitantes que podem ir a mais de um Santuário na mesma viagem, bem como podem ter sido organizados por um devoto ou um líder comunitário.

O grupo ‘excursão turismo’ é composto majoritariamente por pessoas com interesses turísticos, para as quais o Santuário é apenas mais uma parada, ou é mais um local de interesse no turismo cultural.O que se percebe de imediato é que todos os grupos fazem suas visitas,majoritariamente mediados pelo grupo familiar (48% do total das respostas), fato que deve ser percebido mais profundamente pelo setor turístico quando da montagem de suas estratégias de marketing, de promoção, ou mesmo de estruturação da infra-estrutura local.

Quadro4: Como organizam a visita (em %)



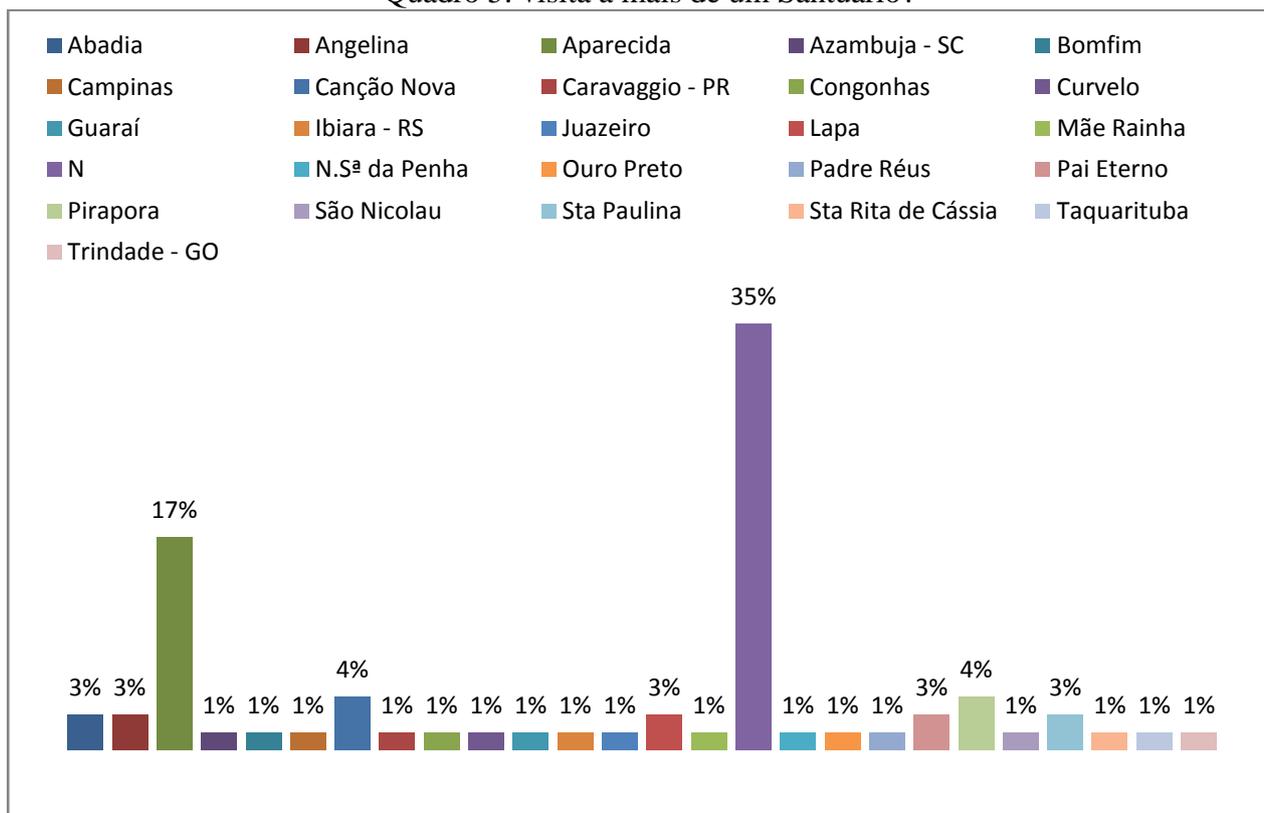
Por outro lado, observa-se que a utilização da excursão turística pelo grupo dos ‘turistas’ foi pequena (10% do total dos respondentes) denotando total ausência das estratégias de ação das Empresas turísticas, ou, a falta da cultura de uso das estruturas turísticas, lembrando, por exemplo, que Aparecida recebeu em 2010 aproximadamente 10 milhões de visitantes.

Visita mais de um santuário ou local religioso? ( ) não ( ) sim. Quais:

A pergunta objetivava identificar se, além do Santuário onde se realizava a aplicação das entrevistas, que outros Santuários são visitados, e, o número de vezes que o entrevistado as praticou nesses locais. Considera-se importante conhecer se além daquele Santuário onde foi entrevistado o visitante (Quadro 5) se dirige à outros Santuários, para justificar a percepção de que, muitos devotos tem um ‘roteiro devocional’ padronizado e principal, fazendo quase nenhuma visita a outro Santuário. Para muitos devotos é realizada apenas uma viagem ao ano, com o objetivo de renovar a fé, não havendo o interesse declarado em conhecer outros Santuários.

A dinâmica de visitas permite saber se ele se dirige também a outros Santuários (mediado por outra devoção, por exemplo) ou se essa nova visita está ligada a alguma estratégia turística, mesmo que resultante apenas das ‘excursões turísticas’. Caso a segunda opção se estabeleça, poderá haver incremento turístico considerável, desde o número de visitantes, no uso das estruturas turísticas, chegando ao acréscimo de divisas aos municípios receptores. As respostas indicam que, além dos três Santuários onde ocorreram as entrevistas, somente Aparecida se sobressai como resposta enquanto local de destino das outras visitas (com 17% das escolhas).

Quadro 5: visita a mais de um Santuário?

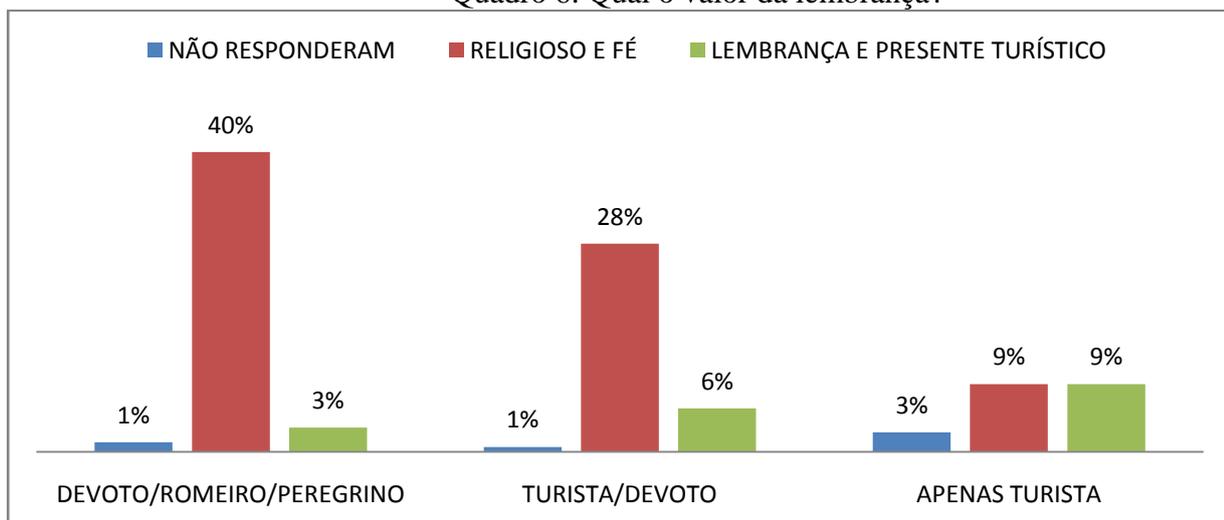


Também fica claro que a opção ‘não’ é majoritária e isso demonstra a pouca disposição desses devotos para outras visitas que não aquela ao santo de devoção. Se a visita a outros locais ocorre de forma pouco significativa, pode-se depreender que esses visitantes não estão predispostos às ações de Marketing dos Poderes Públicos, nem das Empresas turísticas.

A compra da lembrança do Santuário tem valor: ( ) religioso e fé ( ) lembrança e presente turístico. Quanto às respostas acerca dos significados e dos usos que terão os objetos comprados como lembrança (Quadro 6), percebe-se que, maciçamente as repostas dos ‘turistas/devotos’ e ‘devotos/romeiros/peregrinos’ concentram-se no valor religioso. Na soma dessas repostas dos ‘devotos/romeiros/peregrinos’ e dos ‘devotos/turistas’, quase 70% indicam o significado religioso e de fé para a compra realizada, o que permite deduzir que, apesar de comprarem objetos dos mais distintos gostos, matérias-primas e qualidades, o uso destes produtos está colocado na esfera do sagrado, pois, muitos entrevistados afirmaram que o objeto comprado seria bento antes do retorno. Muitos ainda indicaram também a existência de um compromisso com aqueles que não puderam vir ao Santuário: a compra, o benzimento e o transporte de objetos específicos de sua devoção.

Por outro lado ocorreram respostas parecidas nos três grupos quando a compra era para lembrança de viagem (uso turístico), apesar dos percentuais atingirem apenas 18%, sendo a metade desse valor indicado pelos ‘turistas’. Também não estão sendo avaliadas nessa questão as compras de produtos cotidianos realizadas nas barracas disponíveis ao redor dos Santuários, como roupas, calçados, CDs, brinquedos e eletrônicos em geral.

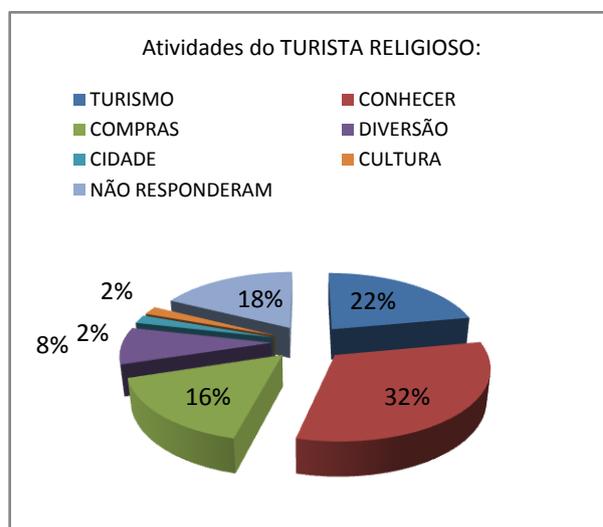
Quadro 6: Qual o valor da lembrança?



Diferenças entre peregrino/romeiro e turista religioso? ( ) não ( ) sim. Quais?

A partir de perguntas abertas permitiu-se ao entrevistado expressar-se sobre as atividades que percebe como de comportamento dos ‘devotos’ ou como comportamento dos ‘turistas’, sendo que do universo das respostas obtidas, estas, foram agrupadas em categorias.

Quadro 7: atividades dos Devotos



Nas suas palavras, constata-se que o visitante indica claramente as diferenças entre um (devotos) e outro (turistas). É preciso entender que essas atividades são realizadas praticamente nos mesmos locais e momentos, ou seja, o devoto vai à uma igreja ou a outro local nos Santuários pela sua fé e religiosidade, enquanto o turista vai para conhecer, ou, aumentar a sua cultura. As atividades apresentadas acima são uma síntese das muitas respostas obtidas, visto que muitas vezes se repetiram alguns termos, ou os adjetivos utilizados possuíam significados muito próximos, sendo agregados nesses grandes grupos.

As atividades indicadas como sendo características dos ‘turistas’(Quadro8) são: aproveitar a beleza da cidade, comércio, compras, distração, cultura, farra, curioso, filmar, fotografar, lazer, novidades, olhar, monumentos, pontos turísticos, sem devoção, pouca fé. Sobre essas respostas identificaram-se posições pontuais dos entrevistados, isto é, muitos afirmaram que o turista não tem nenhum ‘roteiro’ a seguir, nem horário a cumprir, enquanto que os devotos sentem-se cerceados, em função da ‘obrigações’ religiosas que os motivaram para virem ao Santuário.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que se percebe acerca dos santuários analisados, é a influência dos elementos externos (os interesses dos Governos e da Igreja) na sua evolução, que levaram a múltiplas combinações. Nessa evolução o catolicismo tradicional(uso dos santuários com romarias, procissões e festas;a devoção em detrimento dos sacramentos;e, a presença das irmandades), foi modificado tanto pelas condições físicas (isolamento), quanto em função das condições socioeconômicas das comunidades.

Esses elementos existentes nos três santuários permitem indicar que é necessário reconhecer que as formas atuais de expressão da fé,apesar de suas transformações na forma como ocorrem, estão necessariamente conectadas aos aspectos de sua formação sócio-espacial e cultural, e, a partir disso, que algumas formas dessa expressão, são de difícil substituição por estratégias religiosas modernas, bem como, serem substituídas pela implantação das atividades turísticas.

Nesses locais o turismo organizado cientificamente em todas as suas áreas de atuação (Secretarias de Turismo, Agências de Viagens, Planejamentos e uso do Marketing)é pouco desenvolvido,e os

visitantes deixam claro sua opinião e posição sobre os valores e as intenções de suas visitas, muitas vezes desconectadas do turismo, sendo que, essas percepções ficaram evidentes nas respostas, quando se classificavam como ‘devotos’, negando, a condição de ‘turistas’ apenas.

A descrição e análise dos resultados da pesquisa com visitantes, que buscou coletar as percepções e os valores culturais que possuem sobre a religiosidade e o turismo, relacionam-se ao entendimento de que, tanto a prática do turismo nesses santuários, quanto à própria evolução dos elementos definidores de aspectos históricos, sociais e econômicos das áreas onde estão localizados, são elementos imprescindíveis para uma compreensão da atualidade, bem como, traz mais elementos para o desenvolvimento de projeções futuras acerca da presença do turismo nestes locais.

## 5. REFERÊNCIAS

BRUSTOLONI, J. J. A Senhora da Conceição Aparecida: História da imagem da capela das romarias. Aparecida, SP: Santuário. 1979.

CEAG. Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudos das alterações estruturais (século XVII-1960). Florianópolis: CEAG-SC, 1980.

CADORIN, J. Nova Trento outra vez. Nova Trento: Prefeitura Municipal, 1992.

DEL PRIORE, M. Religião e religiosidade no Brasil Colonial. São Paulo: Ática. 1994. (Col. História em Movimento).

FRANÇA, M. C. Pequenos centros paulistas de função religiosa. São Paulo: USP. 1975. (série Teses e Monografia, 12).

GROSSELLI, R. Vencer ou Morrer: camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: UFSC, 1987.

HOORNAERT, E. A Igreja no Brasil Colônia (1550-1800). 3.ed. São Paulo: Brasiliense. 1994. (Col. Tudo é História, 45).

MARQUES, A. M. Nova Trento In(canto) de fé. Itajaí, SC: UNIVALI. 2000.

MORENO, J. C. A ação do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida e o fomento do Turismo religioso. 2009. Tese. (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/>>. Acesso: 30/01/2012.

NUNES, L. Nova Trento contabiliza 70 mil visitas mensais ao santuário de Santa Paulina. 2012. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/tijucas/colunas/leo-nunes/20130-nova-trento-contabiliza-70-mil-visitas-mensais-ao-santuario-de-santa-paulina.html>>. Acesso: 30/01/2012.

PEREIRA, R. M. F. A. Formações Sócio-Espaciais catarinenses: Notas preliminares. In: Anais do Congresso de História e Geografia de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1997, p. 453-463.

PRADO JR. C. Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia. 15.ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.

RODRIGUES, A. M. M. A Igreja na República. Brasília: UNB, 1981, (Biblioteca do pensamento político republicano).

SANTOS, M. Espaço e Sociedade: ensaios. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.